

A CORRESPONDÊNCIA DE MARX E ENGELS:

Apontamentos sobre o método.

Armando López Coll

Tradutor e comentarista: Claudio Antônio DiMauro¹

claudiodimauro@ufu.br

Quando fiz minha primeira viagem à Cuba, em 1988, tive oportunidade de conhecer o País, antes do desmonte da União Soviética.

O debate teórico no País era intenso. Apesar do esforço para resolver seus problemas materiais, os cubanos sempre estavam envolvidos com sua formação intelectual. Na época Gorbachev tinha publicado o Peristróika e tive oportunidade de ver diversos cubanos lendo o livro, nos ônibus do Transporte Coletivo (Uaua)

O povo cubano reconhecia que as ações práticas deveriam estar fundamentadas em princípios metodológicos, capazes de orientar suas decisões.

O Livro do qual faço a tradução, certamente com muitas imperfeições, demonstra com toda clareza essa leitura que fiz de Havana, Matambre, Trinidad, Cienfuegos, Hanabanilla, Santa Clara, Pinar del Rio e Varadero, entre outros lugares que tive a satisfação de conhecer, naquela oportunidade. Depois, voltei mais duas vezes à Cuba. Em uma delas, por deferência da Universidade de Havana, recebi a medalha **ALMA MATER** em solenidade especial na Reitoria da Universidade, ocasião em que também foram homenageados outros geógrafos brasileiros, entre eles a Professora Doutora Silvana Maria Pintauidi, Professora Doutora Arlete Moysés Rodrigues e especialmente o Professor Doutor Milton Santos que recebeu um troféu.

Posteriormente fui designado como representante brasileiro da Sociedade Cubana de Geografia, por iniciativa de meu saudoso e querido Professor da Universidade de Havana Doutor José Manuel Mateo Rodriguez.

¹ Professor do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia.

A CORRESPONDÊNCIA DE MARX E ENGELS

Apontamentos sobre o Método

Autor: Armando López Coll - Coleção Economia.

*'Se tentarmos definir com uma só palavra o ponto focal, por assim dizer, de toda a correspondência, o ponto no qual convergem todas as idéias expressas e analisadas, nos socorreríamos da palavra dialética. A aplicação da dialética materialista à revisão de toda a Economia Política desde seus fundamentos - à história, às ciências naturais, à filosofia e à política e tática da classe obreira-, é o que, mais do que tudo, interessa à Marx e Engels; nisto buscam ambos o mais essencial e o mais novo, nisto consiste o passo genial à frente na história do desenvolvimento do pensamento revolucionário.'*²

É necessário considerar que a polêmica em torno do marxismo se encontra com frequência nos problemas do método. Isto é indubitavelmente certo, já que o marxismo é, antes de tudo, um guia para a ação e não simplesmente um conjunto de ideias acabadas e intangíveis.

Se esquecermos disto *"...faremos do marxismo uma coisa unilateral, deformada, morta, lhe arrancamos sua alma viva, escondemos suas bases teóricas mais profundas: a dialética, a doutrina do desenvolvimento histórico, multilateral e pleno de contradições; quebrantamos sua ligação com as tarefas práticas determinadas da época que podem mudar com cada virada da história."*

O método marxista é dado pela dialética materialista que se constitui no núcleo central da doutrina marxista-leninista. Graças a ela - utilizada como guia na pesquisa e na ação revolucionária - que Marx pode elevar ao conhecimento das leis que regem o movimento da sociedade capitalista, trabalho culminado e exposto em O Capital. Com ele ficava comprovada a validade do método que posteriormente permitiria a Lenin completar a exposição do desenvolvimento do capitalismo através de sua obra fundamental *"O imperialismo, fase superior do capitalismo"*.³

² Vladimir I. Lenin: Correspondência entre Marx e Engels, in Obras Completas, t. 19, p. 548, Editorial Cartago, Buenos Aires.

³ Vladimir I. Lenin: O imperialismo, fase superior do capitalismo, Editorial de Ciencias Sociales, Instituto Cubano del Libro, La Habana, 1973 (Nota do Autor)

Não é por acaso que Lenin, em meio ao intenso trabalho exigido pela grande revolução de outubro, e imerso na luta que levava a cabo contra o oportunismo em todas suas manifestações, dedicou uma atenção relevante aos problemas do método, aos problemas da dialética materialista.

Assim, temos, *Materialismo e Empiriocriticismo* (1909) e os *Cadernos Filosóficos* (1914-1915), obras vinculadas com toda uma série de trabalhos escritos entre 1913 e 1914. Entre eles se destacam: *Vicissitudes Históricas da Doutrina de Karl Marx, Três Fontes e Três Partes Integrantes do Marxismo, Karl Marx, etc.* O denominador comum destes trabalhos, como dizíamos, é a importância que neles se reveste a dialética, que para Lenin tinha uma significação transcendente por muitas causas, entre elas sua incidência na preparação teórica e ideológica da classe trabalhadora, e, em especial, de seu Partido.

Estas idéias esboçadas nos parágrafos anteriores se encontram de modo explícito em um trabalho de excepcional importância e em diversas ocasiões tem sido considerado como seu legado filosófico⁴, nos referimos a *Significação do Materialismo Militante* (1922). Nesta obra, Lenin afirma que:

*"...sem uma sólida fundamentação filosófica nenhuma ciência natural nem materialismo algum poderiam suportar a luta contra o empuxe das idéias burguesas, contra a restauração de suas concepções. Para sustentar esta luta e levá-la a bom termo, o naturalista deve ser um materialista moderno, partidário consciente do materialismo representado por Marx, é dizer, um materialista dialético. Para obter este objetivo, os colaboradores da revista "Sob a Bandeira do Marxismo" devem organizar o estudo sistemático da dialética de Hegel do ponto de vista materialista, ou seja, da dialética que Marx aplicou também praticamente em sua obra o Capital e em seus trabalhos históricos e políticos com tanto êxito, que na atualidade (...) cada dia no despertar para a vida de novos povos e novas classes se confirma cada vez mais o marxismo."*⁵

⁴ Bonifati Kredov: A dialética 'alma' do Marxismo, in *Revista Ciências Sociales*, nº 3, pp. 114-126, Academia de Ciências da URSS, Moscou, 1972.

⁵ *Sob a Bandeira do Marxismo*: Revista Mensal Filosófica e Econômico-social, publicada em Moscou de 1922 a 1944

A essência do marxismo se concentra no método, portanto, não é casual que a burguesia, em sua luta contra o marxismo, centre seus ataques no método.

Estes ataques se assentam, no geral, sobre uma pretendida 'objetividade' da qual os críticos burgueses se crêem donos. Com base na mesma, se acusa que a obra marxista é parcial, classista e que, portanto, está impregnada, viciada por juízos de valores apriorísticos, comprometidos e a serviço da classe trabalhadora. Não compreendem, ou não querem compreender, que também suas próprias idéias carecem de imparcialidade; que consciente ou inconscientemente as mesmas estão a serviço de sua classe e que este 'pecado original' que criticam no marxismo, também é compartilhado por eles⁶. Mas com uma diferença radical, o pensamento social burguês é de apologia à natureza, pois sua missão é defender a ordem social vigente, e esta ordem social se baseia na exploração da maioria pela minoria. A missão deles não é descobrir a verdade, mas encobri-la melhor, a medida em que ela afeta seus interesses de classe.

O pensamento burguês se encontra impossibilitado de explicar a concatenação real da sociedade, porque se fizesse essa explicação deixaria de ser burguês.

O marxismo é classista, está à serviço da classe trabalhadora, mas esta diferença não está interessada em encobrir a verdade, necessita dela como razão para sua luta, pois **"...os proletários não têm nada para perder além das suas cadeias. Têm, em contrapartida, um mundo para ganhar."** Por essa razão o marxismo é científico e não cheio de apologias como é o pensamento burguês.

O método de Marx aparece emerso no conjunto de sua obra, na de Engels e na de Lenin. Nenhum dos três pensadores nos deixou uma obra dedicada ao Método, por isso seus princípios se encontram implícitos através da multifacetária criação que nos legaram, e em especial em O Capital.

⁶ Com relação a 'objetividade' nas crenças sociais, a economia inglesa Joan Robinson nos disse: "sem possibilidade de uma experimentação controlada, temos que basear-nos na interpretação da evidência, e toda interpretação supõe já um juízo (...) Quem nos disser que não tem pre-juízos, ou está buscando enganar-se a si próprio, ou está tentando enganar a todos nós." Joan Robinson: Filosofia Econômica, p.28, Edit. Gredos, Madrid, 1966.

⁷ Karl Marx e F. Engels: Manifesto do Partido Comunista, in Obras escolhidas em dois tomos. T.I, p. 50, Editorial Progreso, Moscou, 1971.

Com referência a isso, Lenin afirmava que se Marx não nos legou uma lógica, nos deixou a lógica de O Capital.

Não devemos estranhar, portanto, que depois de cinquenta anos, superada a conspiração do silêncio, a burguesia se debatia em luta franca e aberta contra o marxismo; no presente, a intensidade dessa luta perdeu um tanto de seu espaço, a atual atitude da "ciência" burguesa é muito mais sutil. Pretende – tendo em vista a impossibilidade de negá-lo – despojar o marxismo de sua "depreciável" ideologia, já que no mundo contemporâneo, eles nos dizem, não há lugar para as ideologias mas para a tecnologia. Para eles, o marxismo tem que ser castrado, despojado de seu método, privado de seu caráter revolucionário, deixando-lhe tão só, como uma mera construção tecnocrática.

Isto pretende separar, nas obras de Marx, o aspecto científico do pretendido aspecto ideológico. Como se essa quimera fosse possível, como se em Marx a ideologia não fosse ao mesmo tempo ciência e o inverso, como se a ciência não fosse ao mesmo tempo ideologia.

Como exemplo desta pretensão, entre muitas outras, citamos esta idéia de Schumpeter: **"Afirmar que Marx, despojado de sua fraseologia, admite uma interpretação no sentido conservador, significa que pode ser considerado seriamente."** Nesta idéia se pretende usar o termo fraseologia como sinônimo de método.

Se esquece que para Marx **"...a ciência era uma força histórica motriz, uma força revolucionária. (...) Pois Marx era, antes de tudo, um revolucionário"**⁸. A ciência nele é um guia para ação, e por isso se concentra no método.

Nas linhas precedentes expusemos o tema que será abordado neste trabalho – o método de Marx, o materialismo dialético – assim como as motivações ideológicas que nos levam a utilizá-lo. Isto pode ser resumido da seguinte maneira: consideramos de vital importância o esclarecimento do método, pois este é o núcleo central do marxismo e seu conhecimento é vital para que se possua uma **"...concepção do mundo integral, intransigente com todas as formas de superstição,**

⁸ Frederico Engels: Discurso ante a tumba de Marx, in Karl Marx e Frederico Engels: Obras Escolhidas em dois tomos, t.I, p. 64, Edições em Línguas Estrangeiras, Moscou, 1970.

com toda reação, com toda defesa da opressão burguesa⁹. Esta concepção reveste-se de uma notável importância como guia e nos permite construir, organizada e planejadamente, nossa sociedade em meio do complicado labirinto das realidades cotidianas.

Também é conveniente prevenir ao leitor, com toda clareza, que o conhecimento dos princípios do método não lhe vai permitir por si mesmo a explicação da problemática social; o método é o guia geral para a investigação social, daí sua importância transcendental. Mas, o guia não pode substituir a própria investigação; se assim ocorrer, evidentemente não se chegará a nenhum resultado prático e, portanto, o método deixará de ser um guia para ser a ação e se converter em um conjunto de princípios perdidos. Engels se expressa com clareza quando afirma: **"O método materialista tem efeito contrário quando é utilizado não como um fio condutor na investigação histórica, mas como um molde acabado pelo qual se cortam e se recortam os fatos históricos."**¹⁰

Apesar de que vamos nos ocupar do método, não o faremos com uma exposição extensiva do mesmo e tampouco pretendemos apresentar todas e cada uma das interrelações que lhe concernem; pensamos que um trabalho desta natureza não substituirá a profundidade alcançada pelo mesmo em O Capital, só para citar um exemplo.

Nos dedicamos a uma tarefa, muito mais modesta, de nos ocupar do método tal qual se nos apresenta na correspondência de Marx e Engels. Escolhemos intencionalmente a correspondência para tratar do método, portanto a escolha não é casual.

É precisamente através das correspondências que estão esclarecidos alguns aspectos importantes do método. É nas cartas que são expostos, de maneira transparente, os princípios do materialismo histórico, princípios que não são tratados deste modo tão especial em suas obras, salvo em algumas brilhantes páginas, como na famosa Introdução a Crítica da Economia Política de 1859.

⁹ Vladimir I. Lenin: Três fontes e três partes integrantes do marxismo, em Obras Escolhidas em três tomos, t.I, p.64, Edições em Línguas Estrangeiras, Moscou, 1970.

¹⁰ Carta de Engels a Paul Ernst em 5 de junho de 1870. Karl Marx e Frederico Engels: Sobre a literatura e a arte, p. 298, Editorial Arte e Literatura, Instituto Cubano do Livro, Havana, 1972.

De outra parte, paradoxalmente, a riqueza contida na correspondência tem sido um filão relativamente pouco conhecido e utilizado nas pesquisas. Pela natureza da tarefa a que nos propusemos, o uso de citações será prolixo.

Isso tem seus inconvenientes do ponto de vista do ordenamento das idéias, mas as vezes nos oferece importantes vantagens: em primeiro lugar, reduz o risco das interpretações equivocadas e, em segundo lugar, apresenta a vantagem, expressa da seguinte maneira por Herman Dunker, o grande revolucionário e educador alemão: "***Uma frase de Marx, é, por regra geral, mil vezes mais importante e instrutiva que vinte frases sobre ele.***"¹¹.

A CORRESPONDÊNCIA

A correspondência de Marx e Engels é extraordinariamente extensa e variada¹². Centramos a análise da mesma a partir do período em que, segundo confessou o próprio Marx, tanto ele como Engels liquidaram suas consciências filosóficas anteriores¹³ deixando para trás seus vestígios idealistas que enturvavam e se entremesclavam com as idéias que paulatinamente estavam se desenvolvendo para conformar a concepção materialista do porvir do mundo e da sociedade. Este processo de liquidação da consciência filosófica anterior, que havia começado de modo acelerado a pelo menos três anos, culmina, naquilo que é fundamental, no ano de 1845.

Nessa data, Marx, o fundamento "marxista", no desenvolvimento dialético de sua formação intelectual; havia deixado para trás a problemática antropológica, ética e histórica e já apresentava saltos importantes em seus Manuscritos Econômicos e Filosóficos de 1844. Isto é ainda mais particular, depois de seu encontro com Engels, que havia publicado sua Crítica a Economia Política, este "bocejo genial" que, conjuntamente com A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra (**Engels: A situação da Classe trabalhadora na Inglaterra, Editorial de Ciências Sociais, Instituto Cubano do Livro, Havana, 1974 -Nota do Autor-**), oferece ideias que

¹¹ Karl Marx, Frederico Engels e Vladimir I. Lenin: Seleção de Textos, t. I, p. 17, Editorial de Ciências Sociais, Instituto Cubano do Livro, Havana, 1973.

¹² Esta correspondência compreende ao redor de três mil cartas.

¹³ Ver Karl Marx: Contribuição a Crítica da Economia Política, pp.13-14, Editora Política, Havana, 1966.

criaram as bases para a formação da concepção do materialismo histórico e os fundamentos do socialismo científico. Portanto, a produção por caminhos independentes, mostrava um conjunto que comprovava a existência de identidade própria com resultados em cada um deles. Este encontro produzirá em breve uma obra básica de marxismo, que serviria de modo pragmático para o "esclarecimento de suas próprias idéias" e que, por falta de editor, se deixaria à "roedora crítica dos ratos". Nos referimos a Ideologia Alemã¹⁴, obra que pode nos servir de fronteira - concebida não de modo metafísico- que assinala o começo de um marxismo maduro no qual é fundamental.

A correspondência selecionada como objeto de estudo é representativa do marxismo em seu conjunto, antes de tudo, pelo período abrangido, que é precisamente o da criação teórica ininterrupta, iniciada no ano de 1845 e que, prolongando-se por um período de cinquenta anos, ocuparia aos criadores do marxismo em torno da análise da "anatomia da sociedade civil". Este trabalho somente se interromperá com a morte. A de Marx ocorre em 1883 e a de Engels em 1895. Deste ano é a última carta analisada.

Sem deixar dúvidas, nesse período se concentra a aparição das obras fundamentais que conformam o marxismo como ciência. Dentro desse mesmo período, fixamos preferencialmente a atenção naquelas cartas que estão relacionadas de modo direto com problemas econômicos e que, portanto, se relacionam com a obra magna do marxismo: O Capital. Estas cartas são representativas, pois como nos afirma Lenin: **"...Onde a teoria de Marx encontra sua confirmação mais profunda, mais completa e mais detalhada, é em sua doutrina econômica."**¹⁵ .

Devemos assinalar, sem dúvida, que se O Capital é um livro de economia, não o é unilateralmente, já que em Marx o econômico sempre se apresenta em suas interrelações com o restante da problemática social. Consequentemente, na correspondência, apesar do tratamento de aspectos estritamente econômicos, encontramos a análise da interrelação do econômico com o não

¹⁴A ideologia Alemã foi redigida no transcurso de 1845.

¹⁵ Vladimir I. Lenin: Karl Marx, em Obras Escolhidas em três Tomos, t. I, p. 36, edição citada.

econômico, onde se dá a primazia ao primeiro fator sobre o segundo: e, além disso, se brindam importantes idéias e indicações sobre o método, aspecto no qual concentraremos nossa atenção.

Outra das fontes utilizadas no presente trabalho é a correspondência de Marx a Kugelmann (1862 - 1874), cronologicamente incluída no tempo, tomado como base para a análise. Estas cartas são muito importantes pois colocam de manifesto, em sua linguagem clara e direta, a opinião de Marx sobre múltiplos aspectos vitais de sua teoria e, portanto, de seu método.

Em Marx estas idéias estão indissolúvelmente ligadas à prática revolucionária, parte integrante e essencial de sua vida. Uma boa prova da conseqüências entre os conceitos teóricos e a prática revolucionária nos é oferecida pelo próprio final das relações entre ambos. Kugelmann, devido à sua posição pequeno-burguesa, e por fim vacilante, insistia reiteradamente a Marx que ele devia abandonar todo tipo de ocupação que não fosse a teórica. Precisamente sua ideologia pequeno-burguesa lhe faz escrever diante do feito transcendente da Comuna de Paris: ***"A insurreição parisiense atual me parece absolutamente errada. (...) No lugar de organizar-se cara a cara com o governo, de ganhar influência na administração das grandes cidades, provoca uma derrota mediante uma ditadura que é um verdadeiro atentado contra o país.(...) Se Paris se opõe à nação (é dizer aos camponeses), será inevitavelmente vencida pela massa camponesa."***¹⁶.

Marx responde situando sua posição a respeito da Comuna e assinala com toda precisão o alcance revolucionário da mesma:

"Evidentemente seria demasiado cômodo fazer a história se pudéssemos entabular a luta somente quando existissem possibilidades infalivelmente favoráveis."¹⁷ .

A partir daí as relações entre ambos se debilitaram, até desaparecerem totalmente. Isso nos dá uma lição de conseqüência e nos assinala que a teoria não pode estar divorciada da prática revolucionária, sua razão de existir.

¹⁶ Carta de Kugelmann a Marx em 5 de abril de 1871. Karl Marx: Cartas a Kugelmann, 1862 - 1874, p. 5, Editorial Avanzar, Buenos Aires, 1970.

¹⁷ Carta concluída em 17 de abril de 1871, Karl Marx, ob. cit., p. 144

Na correspondência -é necessário assinalar-, indissolivelmente ligada com os aspectos teóricos, nos chegamos às vivências de Marx, homem revolucionário que vencendo todos os obstáculos navegava diretamente para sua meta, "sem consentir que a sociedade burguesa se convertesse em uma máquina de fazer dinheiro", consciente da importância de sua obra, de seu papel na emancipação da classe trabalhadora, e com isso, na emancipação do gênero humano.

O que assinalamos se manifesta com clareza neste magnífico fragmento: *"...Então por que não haveria de contestá-lo? Durante esse período eu tinha um pé no sepulcro. Por conseguinte, havia que aproveitar cada instante em que podia trabalhar para terminar minha obra, aquela pela qual sacrifiquei minha saúde, felicidade e família. Espero que não seja necessário anexar nada à esta explicação. Eu dou risada das pessoas que se chamam a si mesmas de "práticas" e de sua prudência. Se desejarmos viver como uma besta, poderíamos voltar as costas aos tormentos da humanidade e não nos preocupar com mais nada além da própria pele. Mas, eu me consideraria realmente não prático se morresse sem terminar meu livro, pelo menos o manuscrito."*¹⁸.

O MÉTODO NA CORRESPONDÊNCIA

O método marxista se assenta nas leis da dialética, descobertas e ao mesmo tempo mistificadas por Hegel.

Em várias passagens Marx nos faz conhecer seu projeto de expor em uma obra de modo sistemático, de forma positiva e sob o ponto de vista materialista os fundamentos da dialética. Posteriormente expõe este desejo não realizado, da seguinte maneira: *"... No método de elaboração do tema há algo que me tem prestado um imenso serviço; por pura casualidade (para não dizer acidente), tinha voltado a usar a "Lógica de Hegel" (Freiligrath encontrou alguns livros de Hegel que haviam pertencido a Bakunin e me enviou como presente). Se alguma vez voltar a ter tempo para esse tipo de trabalho, me proporcionarei o grande prazer de fazer acessível, em dois ou três textos impressos, aos homens que têm um*

¹⁸ Carta a S. Meyer em 30 de abril de 1867, Karl Marx e F. Engels: Cartas sobre O Capital, p. 123, Editora EDUMA, Barcelona, 1968.

sentido comum, o fundo racional do método que Hegel descobriu e ao mesmo tempo mistificou"¹⁹.

Dez anos depois, reitera o mesmo conteúdo: *"...Quando retirar de cima de mim, a carga econômica, escreverei uma Dialética. As verdadeiras leis da dialética já se encontram em Hegel, ainda que de forma mística. É necessário livrá-las dessa forma..."*²⁰

Tomando como base a dialética hegeliana, onde se encontram os princípios de toda dialética, a tarefa de Marx e Engels consistiu em dar à esses princípios a base materialista de que careciam; por isso a dialética marxista é, em tudo e por tudo, radicalmente diferente da forma que aparecia em Hegel.

Sobre isso Marx pontuou: *"... sabemos muito bem que meu método de exposição não é o de Hegel, visto que sou materialista e Hegel idealista. A dialética de Hegel é a forma fundamental de toda a dialética, mas somente quando está despojada de sua forma mística, e isso é precisamente o que distingue meu método."*²¹

Em outra carta, comentando uma crítica recebida sobre o primeiro tomo de O Capital por parte de um publicitário alemão chamado Lange, aborda o tema: *"Lange comete a ingenuidade de afirmar que eu me movo com a mais rara liberdade no terreno empírico. Não suspeita que essa 'liberdade de movimento no tema' não é outra coisa que uma paráfrase do método, a forma de tratar o tema, é a manifestação do método dialético."*

Em outra passagem agrega *"O que este mesmo Lange diz do método hegeliano e do emprego que faço dele, é realmente pueril. Em primeiro lugar não compreende nada (risos) do método hegeliano, e muito menos ainda da forma crítica com que o aplico."*²²

Em carta para Schmidt, Engels pontua a diferença entre o método dialético em Marx e em Hegel: *"O grande truque da dialética em Hegel descansa sobre o fato de que é, segundo ele, um auto desenvolvimento do pensamento e que por conseguinte, a dialética da*

¹⁹ Carta a Engels em 14 de janeiro de 1858, Karl Marx e F. Engels, ob. cit., p. 68.

²⁰ Carta a Joseph Dietzger em 9 de março de 1968. Karl Marx, F. Engels e Vladimir I. lenin, ob. cit, t. I, p. 232.

²¹ Carta a Kugelmann em 6 de março de 1868. Karl Marx e F. Engels, ob. cit., p. 154.

²² Carta a Kugelmann em 27 de junho de 1870. Karl Marx e F. Engels, ob. cit., p. 203.

realidade concreta não seria mais que seu reflexo, ainda que a dialética em nosso cérebro, não é mais do que a reflexão da evolução real que se realiza no mundo natural e histórico, e que obedece formas dialéticas.

Compare, em Marx, a passagem da mercadoria em capital com a forma proposta por Hegel, na qual se passa do ser à essência e teremos um excelente paralelo: aqui, o desenvolvimento concreto, tal como se depreende dos acontecimentos; ali, a construção abstrata, pensamentos muito gerais, e as vezes mutações muito importantes, como a transformação da qualidade em quantidade e vice-versa, são elaborados para desembocar num aparente auto-desenvolvimento de um conceito, a partir de outro quando se poderia fabricar igualmente uma dúzia de desenvolvimentos diferentes deste tipo..."²³

Ainda que tanto Marx quanto Engels reiterem sistematicamente a diferença entre seu método materialista e o método de Hegel, essencialmente idealista, em diversas passagens reconhecem as descobertas do genial pensador, sobre as leis que regem o movimento da natureza e da sociedade. Leis válidas em geral, para o movimento, inclusive quando aparecem em Hegel a trás da envoltura mística do movimento das idéias.

Assim Marx expõe: *" Ademais no final de meu capítulo III²⁴, no qual se desenha a metamorfose do mestre artesão em capitalista, em consequência de mudanças simplesmente quantitativas, poderemos ver que nesse texto menciono o descobrimento de Hegel sobre a lei da transformação brusca da mudança unicamente quantitativa em mudança qualitativa como lei verificada imediatamente na história e nas ciências da natureza."*²⁵

Destas citações extraímos a conclusão de que, conforme mostrara Lenin, a filosofia alemã, e em especial Hegel, ao descobrir as leis da dialética, proveu ao marxismo seu método, que, uma vez posto de pé, lhe deu uma base materialista permitindo a compreensão do mundo e da sociedade; com base nesta sua necessária transformação.

²³ Carta a Schmidt em 1º de novembro de 1891. Karl Marx e F. Engels, ob. cit., p. 286.

²⁴ O capítulo III desta edição se converteu na seção terceira do tomo I nas edições posteriores.

²⁵ Carta a Engels em 22 de junho de 1867. Karl Marx e F. Engels. ob. cit., p. 129.

Deste modo a aplicação do método dialético aos problemas sociais e as conclusões gerais a que se chega, constituem, a sua vez, no guia (no método) para desentranhar a natureza dos diferentes estádios sociais, e de sua essência, do modo de produção da vida material. Nos referimos ao materialismo histórico, cujos princípios constituíram a hipótese genial que permitiu desvendar a natureza da sociedade capitalista e, com isso, provar sua validade geral.

Esta conclusão pode ser vista em diversas obras. Como exemplo trazemos fragmentos do famoso prólogo à Contribuição à Crítica da Economia Política, onde Marx expõe os aspectos fundamentais de sua concepção materialista da história, constituição que lhe permitiria orientar e dirigir sua investigação do modo de produção capitalista. O fragmento em questão diz: "***O primeiro trabalho que empreendi para resolver as dúvidas que me assaltavam foi uma revisão crítica da Filosofia do Direito de Hegel, trabalho cujas preliminares apareceram na Deutsch-Französische Jahrbucher, publicada em Paris em 1844. Minhas investigações deram este resultado: que as relações jurídicas assim como as formas do Estado, não podem explicar-se nem por si mesmas, nem pela chamada evolução geral do espírito humano; se originam mesmo é nas condições materiais da existência (...), que a anatomia da sociedade civil tem que buscar na Economia Política.***"²⁶

Antes de seguir adiante, consideramos necessário deixar assentadas com toda nitidez – para evitar interpretações mecanicistas –, as seguintes considerações com relação ao método: o método dialético é a forma geral de apropriação do conhecimento, por quanto o movimento real do que existe é dialético; o método dialético é "***...o material traduzido e transposto à cabeça do homem.***"²⁷

O método dialético²⁸ permite que se chegue ao conhecimento através da elaboração de conceitos. Para Marx, os conceitos, diferentemente de Hegel, não são simples abstrações lógicas

²⁶ Ver Karl Marx: Contribuição à Crítica da Economia Política, p.11, edição citada.

²⁷ Karl Marx: O Capital, t. I, postfácio à Segunda edição, p. 32, Editorial de Ciências Sociais, Instituto Cubano do Livro, Havana, 1973.

²⁸ A dialética em geral é o "puro movimento do pensamento nos conceitos" (Hegel), (ou seja, para dizer sem o misticismo do idealismo: os conceitos humanos não são fixos, mas se encontram em eterno movimento e passam de um para outro, fluem um no outro, o do contrário não reflete a vida vivente. A análise dos conceitos, seu estudo e

apriorísticas, inexistentes fora de sua mente, mas expressam as determinações concretas de um fenômeno particular e determinado, historicamente colocado. Ao referir-se a Proudhon diz: **"O senhor Proudhon tem compreendido que os homens fabricam o pano, a tela e os tecidos de seda; é o grande mérito de ter compreendido tão pouca coisa! O que o senhor Proudhon não compreendeu é que os homens, segundo suas faculdades, produzem também as relações sociais, nas quais produzem o pano e a tela. E compreende menos ainda que os homens que produzem as relações sociais em conformidade com sua produtividade material, produzem também as idéias e as categorias, melhor dizendo, as expressões abstratas ideais dessas mesmas relações sociais. Assim, as categorias também não são eternas, da mesma forma que as relações que refletem. São produtos históricos e transitórios."**²⁹

Os conceitos não são para o marxismo uma simples abstração mental, mas, antes de tudo, uma abstração histórica, determinada.

Por outro lado, os conceitos e as leis que enunciam o movimento do real, não podem nos oferecer –precisamente por sua generalidade, por seu nível de abstração – a realidade em sua singularidade, com todas suas especificidades e medidas concretas particulares. O que nos oferecem em sua generalidade é a essência, o fundamental que define uma realidade, sem a qual deixa de ser o que é para se converter em outra coisa.

Engels expressa de modo magistral: **"As objeções que você faz à lei do valor afetam a todos os conceitos, considerando-os do ponto de vista da realidade. A identidade do pensamento e do ser, para utilizar a terminologia hegeliana, coincide de todas as formas com seu exemplo do círculo e do polígono. Ou seja, o conceito de uma coisa e da realidade dela são paralelos, como duas assíntotas que se aproximam continuamente uma da outra, sem jamais se chocar. Essa diferença que as separa é exatamente a que faz, de início, com**

'arte de operar com eles' (Engels) exige sempre o estudo do movimento dos conceitos, de suas interconexões, de suas transições místicas)." Vladimir I. Lenin: Cadernos Filosóficos", in Obras Completas, t. 38, p. 245, edição citada.

²⁹ Carta de Marx a Annenkov em 28 de dezembro de 1846. Karl Marx e F. Engels: Cartas sobre O Capital, p. 21, edição citada.

que o conceito não seja imediatamente, a realidade e que a realidade não seja imediatamente seu próprio conceito. Pelo fato de que um conceito, não coincida desde logo, à primeira vista (prima facie) com a realidade é que, portanto, tem sido preciso em primeiro lugar abstraí-lo, isso é sempre algo maior do que uma ficção, a menos que você chame de ficção a todos os resultados do pensamento, em consequência da realidade não corresponder a estes resultados, mas, que trás uma grande proximidade, e inclusive não se choca com eles nunca, a não ser de uma forma assintótica."

Mais a diante agrega: *" em outros termos, a unidade do conceito e do fenômeno se apresenta como um processo infinito por essência. (...) A partir do momento em que admitimos a teoria da evolução, todos os nossos conceitos da vida orgânica só correspondem à realidade de forma aproximada. Do contrário não haveriam transformações, no momento em que coincidirem absolutamente conceito e realidade no mundo orgânico, terminaria a evolução."*³⁰

Nesta passagem citada está exposta a idéia orientadora sobre o conhecimento como um processo infinito de apropriação da realidade, pelo qual a mesma realidade se encontra sujeita a um processo ininterrupto de mudanças.

O MATERIALISMO HISTÓRICO

Feitos estes esclarecimentos, voltamos para a aplicação do método ao estudo dos problemas sociais, ao materialismo histórico. Talvez fosse conveniente, para efeito de organização, sairmos do âmbito da correspondência para remeter o leitor àquelas páginas onde Marx nos expõe, de maneira condensada, os princípios de uma concepção da história.

Em primeiro lugar o remetemos ao famoso prólogo da Contribuição à Crítica da Economia Política, páginas que citaremos a seguir, por sua importância e pelo fato de serem pouco conhecidas.

³⁰ Carta a Schmidt em 12 de maio de 1895. Karl Marx e F. Engels, ob. cit., p. 312.

"Resumindo, obtivemos da concepção da história que desejamos expor, os seguintes resultados:

- 1. No desenvolvimento das forças produtivas se chega a uma fase em que surgem forças produtivas e meios de troca, que sob as relações existentes, só podem ser forças do mal, que já não são as tais forças de produção, mas forças de destruição ("maquinaria" e dinheiro); e o que se acha intimamente relacionado com elas, surge uma classe condenada a suportar todos os inconvenientes da sociedade sem gozar de suas vantagens, que se vê expulsa da sociedade e obrigada a colocar-se na mais resoluta contraposição à todas as demais classes; uma classe que forma a maioria dos membros da sociedade e da qual nasce uma consciência de que é necessária uma revolução radical, a consciência comunista, consciência que, naturalmente, pode chegar a formar-se também no meio de outras classes, ao observar a posição em que esta classe foi colocada.*
- 2. Que as condições em que podem empregar-se determinadas forças de produção são as condições da dominação de uma determinada classe da sociedade, cujo poder social emanado de sua riqueza, encontra sua expressão idealista -prática- na forma do Estado que impera em cada caso, razão pela qual toda luta revolucionária é necessariamente dirigida contra uma classe, aquela que domina, até agora.³¹*
- 3. Que todas as revoluções anteriores deixaram intacto o modo das atividades³², uma nova distribuição do trabalho³³ entre as pessoas, ao passo que a revolução comunista é dirigida contra o modo anterior de atividade, elimina o trabalho e suprime a dominação das classes ao acabar com as próprias classes, já que esta revolução é levada a cabo pela classe que a sociedade não considera como tal, não reconhece como classe e que expressa em si a dissolução de todas as classes, nacionalidades, etc. dentro da sociedade atual.*

³¹ Aqueles que estão interessados em manter o estado de produção atual.

³² Atividade é utilizada no texto como sinônimo de explotación.

³³ O termo trabalho é utilizado como trabalho assalariado.

4. Que, para engendrar na massa essa consciência comunista como para levar adiante estas ações, é necessária uma transformação em massa dos homens, que somente se conseguirá com um movimento prático, mediante uma revolução; e que, por conseguinte, a revolução não é somente necessária porque a classe dominante não pode ser derrotada de outra forma, mas também pelo fato de ser o único meio pelo qual a classe que precisa sair da sina em que se encontra, tornar-se capaz de fundar a sociedade sobre novas bases. ¹³⁴

Que visão a do gênio! Esta passagem foi redigida em 1845, e já nela, com uma força e uma posição sem igual, estão plasmados os princípios do futuro histórico. Esses princípios, esquematicamente e em forma muito condensada são:

1. A mudança histórica é o resultado da contradição entre as forças produtivas e as relações de produção. Esta contradição se produz porque ao desenvolver as forças produtivas, as relações de produção originadas por aquelas – pelas forças produtivas –, em um determinado momento, entram em conflito com elas mesmas; assim, de agentes de desenvolvimento das forças produtivas, as relações de produção se convertem em trava para o seu desenvolvimento. Este conflito é devido a um retrocesso relativo no relacionamento das relações de produção com as forças produtivas. Isto se explica, pelo fato de que, em toda sociedade dividida em classes, as relações de produção estão a serviço dos interesses da classe dominante, de onde ela retira todas as suas vantagens, estas relações são reproduzidas em seus elementos essenciais de forma invariável.
2. Esta contradição entre as forças produtivas e as relações de produção, que é o fundamento da mudança histórica, tem sua expressão através da luta de classes.
3. As relações de produção são as determinantes do resto das relações sociais, a elas correspondem as formas assumidas pelas relações políticas, jurídicas, morais, etc. e as ideologias. Ao caráter destas relações corresponde uma determinada forma de Estado, cuja

³⁴ Karl Marx: A Ideologia Alemã, pp. 77-78, Edições Revolucionárias. Havana, 1966.

missão fundamental é salvaguardar a ordem existente, que é a ordem à serviço da classe dominante.

4. Portanto, toda luta revolucionária tem que dirigir-se, antes de tudo, contra o Estado, Estado da classe dominante.
5. A história é um processo caracterizado pela sucessão de diferentes sociedades definidas por um modo de produção da vida material. Delas o capitalismo é a última onde está presente o antagonismo de classes. Este antagonismo se resolve pela revolução que, levada a cabo pela classe trabalhadora, tem como pré-requisito no seio do capitalismo a criação de condições materiais que permitam a solução do antagonismo, e com isso, o **"fim da pré-história da sociedade humana."**

A concepção materialista da história aparece exposta nas cartas em linguagem clara e direta. Vejamos uma delas, considerada como a primeira exposição da concepção marxista da história. Da mesma extraímos as passagens onde se definem conceitos fundamentais e se oferece o ordenamento interno que os preside, com uma claridade meridiana.

*"O que é a sociedade, qualquer que seja a sua forma? É produto da ação recíproca dos homens. São os homens livres para escolher tal ou qual forma social? Em absoluto. Tomando um determinado estado de desenvolvimento das faculdades produtivas dos homens, teremos uma determinada forma de comércio e de consumo. Tomados determinados graus de desenvolvimento da produção, do comércio, do consumo e teremos uma determinada forma de comércio e de consumo. Tomados determinados graus de desenvolvimento da produção do comércio, do consumo e teremos uma determinada forma de constituição social, uma determinada organização da família; da ordem ou de classes, em uma palavra: uma determinada sociedade civil. Tomada uma determinada sociedade civil e teremos um determinado Estado político que não é mais que a expressão oficial da sociedade civil."*³⁵.

³⁵ Carta de Marx a Annenkov em 28 de dezembro de 1846. Karl Marx e F. Engels, ob. cit., pp. 21-22.

Aqui encontramos: primeiro, a dependência das relações de produção das forças produtivas; segundo, a dependência do resto das relações sociais referidas à natureza das relações de produção; terceiro, o Estado como força concentrada, como expressão oficial da sociedade que, a sua vez, é o resultado do conjunto das relações que os homens colocam em jogo.

Em outro parágrafo acrescenta: ***"Não é necessário dizer que os homens não são livres árbtrios de suas forças produtivas -que é a base de toda a história- já que toda força produtiva é uma força adquirida, o produto de uma atividade anterior. Assim as forças produtivas são o resultado da energia prática dos homens, mas essa mesma energia está circunscrita pelas condições em que os homens se encontram situados, pela forma social que existe antes deles, que eles não criaram, que é produto da geração anterior. Em virtude do simples fato de que toda geração posterior encontra forças produtivas adquiridas da geração anterior, que lhe serve como matéria prima de uma nova produção, se forma uma concatenação na história dos homens, se forma a história da humanidade, que é tanto mais história da humanidade quanto as forças produtivas dos homens e, em consequência, suas relações sociais vão aumentando."*** ³⁶

Neste fragmento se abstrai o caráter objetivo que têm as forças produtivas e as relações de produção, dependentes das primeiras.

Em outras passagens desta importante carta se agrega: ***"Os homens não renunciam ao que ganharam, mas isso não quer dizer que não renunciem nunca à forma social na qual tem adquirido certas forças produtivas. Ao contrário. Para não se ver privados dos resultados obtidos, para não perder os frutos da civilização, os homens se vêm forçados, desde o momento em que as formas do seu comércio³⁷ não correspondem às forças produtivas adquiridas, a mudar todas suas formas sociais tradicionais."***

Posteriormente conclui: ***"Assim, as formas econômicas sob as quais os homens produzem, consomem, realizam intercâmbios, são transitórias e históricas. Com novas***

³⁶ Ibidem, p. 22.

³⁷ No texto se usa comércio como sinônimo de relações sociais de produção.

faculdades produtivas adquiridas, os homens trocam seu modo de produção e, com o modo de produção, mudam todas as relações econômicas, que não são mais do que as relações necessárias dessa determinada forma de produção."³⁸

Estas ideias põem de manifesto de forma marcante a diferença radical – que já havíamos assinalado – existente entre o marxismo e os enfoques não marxistas aplicados ao estudo da sociedade e da economia. Para estes últimos, as categorias operativas são simples abstrações absolutas, inexistentes fora da mente. Para Marx, pelo contrário, as relações sociais e econômicas e as categorias, seus reflexos na cabeça pensante, não são uma simples abstração mental senão, antes de tudo, uma abstração histórica, determinada.

O caráter histórico e transitório das relações sociais, em geral, e das economias em particular, está explicitamente manifestado em diversas passagens. Como exemplo citamos esta onde se faz uma crítica aos pensadores burgueses que consideram eternas as relações sociais. A passagem em questão diz que: *"Quando estudamos (...) as relações econômicas reais nos diferentes países e em diversos graus da civilização, nos parecem falsas e insuficientes as generalizações dos racionalistas do século XVIII, como por exemplo as do velho Adam Smith, que tomou as condições de Edimburgo e de Lothiam como condições normais do universo inteiro."*³⁹

Sobre o mesmo tema Marx expõe – em carta à Kugelmann – a subjetividade da realidade social as leis e o problema orientador das proporções⁴⁰. Para Marx as leis são as relações essenciais, a conexão íntima e necessária entre duas coisas; as leis enunciam relações de causalidade, por isso as relações que têm o caráter de lei são necessárias e não fortuitas. Em conseqüência, temos que o azar e a causalidade – que ocorrem na sociedade – estão sujeitos à leis internas; o trabalho da ciência é precisamente descobri-las.

³⁸ Karl Marx e F. Engels, ob. cit., pp. 22-23.

³⁹ Carta de Engels a Danielson em 29 de outubro de 1891. Karl Marx e F. Engels; Sobre a literatura e a arte, p. 132, edição citada.

⁴⁰ Carta de Marx a Kugelmann em 11 de julho de 1868. Karl Marx e F. Engels: Cartas sobre O Capital, p. 179, edição citada.

Nesta carta, Marx ao descobrir a conexão necessária existente entre os diferentes ramos do trabalho social, nos elucida uma lei de enorme transcendência, lei de vigência geral sobre a qual se assenta a problemática que é o objeto de estudo da Economia Política.

Se expressa assim: "**Qualquer criança sabe que toda nação se quebraria ao cessar o trabalho, não digo durante um ano, mas ainda que fosse, durante algumas semanas. Essa criança sabe da mesma maneira que há uma massa de produtos que corresponde as diferentes necessidades e exige quantidades determinadas da totalidade do trabalho social. É evidente de per si (self evident) que essa necessidade da distribuição do trabalho social em proporções determinadas não fica absolutamente suprimida por uma forma específica da produção social: somente a forma na qual se manifesta é que pode ser modificada. As leis naturais, por definição não podem ser suprimidas. O que pode ser transformado, em situações históricas diferentes, é tão somente a forma em que essas leis se impõem.**"⁴¹

Na continuação ele define em que forma se expressa a lei das proporções no âmbito da produção mercantil: "**É a forma como se realiza essa distribuição proporcional do trabalho, em um estado social no qual a estrutura do trabalho social se manifesta em forma de uma mudança privada de produtos individuais do trabalho, essa forma é precisamente o valor de troca desses produtos.**"⁴² Portanto a lei do valor é a forma que assume a proporcionalidade necessária no seio das relações mercantis. Sobre isso Marx nos diz: "**à ciência cabe precisamente desenrolar como atua essa lei do valor.**"⁴³

Portanto, a sociedade, qualquer que seja ela, tem que cumprir esta proporcionalidade na distribuição de seu fundo de trabalho, a que se modifica com a mudança das formas de propriedade; pelas quais se põe em operação o processo do trabalho; é a forma social de sua realização. Assim, em uma sociedade de produtores vinculados de modo direto que se assentam

⁴¹ *Ibíd.*, p. 180.

⁴² *Ibíd.*

⁴³ *Ibíd.*

sobre relações de propriedade social, a forma de cumprimento da lei das proporções se nos apresenta como a lei da planificação.

Marx expressa claramente: ***"Na realidade, nenhuma forma de sociedade pode impedir que de uma forma ou de outra (one way or another) o tempo de trabalho disponível da sociedade regule a produção. Mas contudo, essas regulações não se realizam por meio de um controle direto e consciente da sociedade sobre seu tempo de trabalho – o que não é possível senão mediante a propriedade social – , senão por meio do movimento dos preços das mercadorias, continuamos na situação que tu tens descrito de maneira muito ajustada⁴⁴ nos Anais Franco-Alemães."***⁴⁵

Noutra carta importante, Engels nos perfila os contornos da concepção dialético-materialista da história quando resume importantes questões, entre elas, a definição de relações econômicas, as quais define da seguinte maneira: ***"Com o término de relações econômicas que consideramos como a base determinante da história da sociedade, queremos significar a forma em que os homens de uma determinada sociedade produzem seus meios de existência e modificam os produtos entre si (na medida em que exista divisão de trabalho).(...) São os mesmos homens que fazem sua história, ainda que dentro de um dado meio que os condiciona, e a base das relações efetivas com que se encontram, entre as quais as decisivas, em última instância, as que nos dão o único fio de fiar que nos servem para entender os acontecimentos, são as econômicas, por mais que as outras possam influir sobre elas, a sua vez, as demais, as políticas e ideológicas."***

Em outra passagem esclarece: ***"Os homens fazem sua própria história, mas, até agora não com a vontade coletiva e com a correção de um plano coletivo, nem sequer dentro de uma sociedade dada e circunscrita. Suas aspirações se entrecruzam; por isso em todas essas sociedades impera a necessidade, cujo complemento e forma de manifestação é a casualidade."***⁴⁶

⁴⁴ Se trata de uma referência ao artigo de Engels "Esboço da crítica à Economia Política", publicado em 1844.

⁴⁵ Carta de Marx a Engels em 8 de janeiro de 1868. Karl Marx e F. Engels, ob. cit., pp.153-154.

⁴⁶ Carta a Starkkemburg em 25 de janeiro de 1894. Karl Marx e F. Engels, ob. cit., p. 307.

Nestas linhas ficam expressas: primeiro, a determinação dos fatores econômicos na atividade dos homens; segundo, em uma sociedade de produtores ilhados, dissociados, a necessidade se nos apresenta na superfície como a ação de casualidades, isto é, dado pelo caráter não consciente com que os homens se relacionam.

Outra importante consideração contida nesta carta refere-se ao papel dos grandes homens da história: esta análise está inserida na causalidade interna e necessária que preside a história, apesar do caos aparente.

"Os homens fazem sua história por si mesmos, mas até agora não a tem feito conforme sua vontade coletiva, conforme um plano conjunto e nem sequer dentro do marco de uma sociedade determinada, de contornos precisos. Seus esforços se contrapesam e essa é precisamente a razão pela qual reina, em toda sociedade desse tipo, a necessidade de que o azar seja o complemento e a manifestação. A necessidade que se impõe através de todos os azares continua sendo, por fim das contas, a necessidade econômica. Aqui nos enfrentamos com a questão do que se chama os grandes homens. Naturalmente, é uma pura casualidade que um determinado grande homem surja em um determinado momento, em um país determinado. Mas se o suprimimos veremos como surge a necessidade de recolocá-lo, e essa recolocação se encontrará, de uma forma ou de outra (tanto por bem como por mal), mas se encontrará sempre no caminho. Foi uma casualidade que Napoleão, um corso, fosse precisamente o ditador militar de que tinha absoluta necessidade a República francesa, esgotada por sua própria guerra; mas é uma realidade que, sob a falta de Napoleão, um outro haveria salvo a laguna, porque sempre se tem encontrado o homem quando é necessário: César, Augusto, Cromwell, etc. Se Marx descobriu a concepção materialista da história⁴⁷, Thierry, Mignet, Guizot, todos os historiadores ingleses anteriores a 1850, provam que já se estava fazendo um esforço nesse

⁴⁷ Aqui há um grifo feito pelo autor cubano.

***sentido, e o descobrimento da mesma concepção por Morgan é a prova de que o tempo estava já maduro para isso e que necessariamente deveria ocorrer a descoberta.*"⁴⁸**

Como já esboçamos, um dos aspectos centrais que conformam a concepção materialista da história está referido à luta de classes. O feito de que a sociedade se acha dividida em classes obedece a existência de relações de propriedade privada; estas relações implicam que os sujeitos ocupam uma posição diferente na produção e, por fim, na distribuição dos produtos. Por sua vez, as relações entre esses conjuntos de sujeitos revestem-se de formas contraditórias e antagônicas.

Pela importância que tem o esclarecimento do conceito de classes sociais, vamos sair do marco da correspondência para oferecer a definição que Lenin nos dá sobre elas: ***"As classes são grandes grupos de pessoas que se diferenciam umas das outras pelo lugar que ocupam em um sistema de produção social historicamente determinado, pelas relações em que se acham com respeito aos meios de produção (relações, em grande parte, estabelecidas e fixadas por leis), por seu papel na organização social do trabalho e, em consequência, pelo modo e a produção em que obtém a parte da riqueza social de que dispõem. As classes são grupos humanos, um dos quais pode apropriar-se do trabalho do outro em virtude dos diferentes lugares que um e outro ocupam em um determinado regime de economia social"***⁴⁹.

Sobre a luta de classes encontramos na correspondência diversas passagens onde, tanto Marx como Engels, esclarecem a natureza das mesmas. Em uma das cartas Marx expõe a parte que cabe a ele na formulação da teoria da luta de classes; ali pontua: ***"... Não é para mim que cabe o mérito de haver descoberto a existência das classes na sociedade moderna, como tampouco a luta que as livram entre si nessa sociedade. Historiadores burgueses haviam exposto muito antes que eu, a evolução histórica dessa luta de classes, e economistas burgueses haviam descrito sua anatomia econômica. O que eu aportei de novo é: primeiro, demonstrar que a existência dessas classes não está mais do que vinculada à***

⁴⁸ Karl Marx e F. Engels, ob. cit., p. 309.

⁴⁹ Vladimir I. Lenin "Uma grande iniciativa", em Obras Escolhidas, t. 29, p. 413, edição citada.

fases históricas determinadas do desenvolvimento da produção; segundo, que a luta de classes leva necessariamente a ditadura do proletariado; terceiro, que esta mesma ditadura não representa mais que uma transição até a abolição de todas as classes fazendo uma sociedade sem classes.⁵⁰

A passagem é muito clara. Nela vemos como para Marx o desenvolvimento da luta de classes culminará quando se dêem as condições objetivas, na supressão das classes. Rompe assim radicalmente com o socialismo anterior e fixa as bases do socialismo científico posteriormente desenvolvido por Lenin.

A PROVA DA VALIDADE DO MATERIALISMO HISTÓRICO: O CAPITAL

Já assinalamos que a concepção materialista da história permitiu à Marx desentranhar a natureza oculta da sociedade capitalista; como ele pretendia, ***"...descobrir a lei econômica que preside o movimento da sociedade moderna"***.⁵¹ Este objetivo ele conseguiu com O Capital, livro com o qual o autor esperava ***"...acertar no plano teórico, na burguesia, um golpe do qual nunca se recuperará"***.⁵²

Com o surgimento de O Capital, como assinala Lenin, ***"...a concepção materialista da história já não é uma hipótese, mas uma tese cientificamente demonstrada"***.⁵³ Com ela o método marxista prova sua validade geral como guia para a investigação da sociedade, deixando resolvido o que é concernente ao mecanismo capitalista, e propondo os princípios gerais que explicam uma estrutura socioeconômica determinada, qualquer que seja ela.

Por isso, dissemos anteriormente que O Capital possui um valor incalculável no que concerne ao método marxista de análise e síntese. Na correspondência, como vemos, encontramos numerosas referências de onde, de maneira explícita, se constata nosso argumento. As cartas

⁵⁰ Carta de Marx a J. Weydemeyer a 5 de maio de 1852. Karl Marx e F. Engels, ob. cit., 50.

⁵¹ Karl Marx: O Capital, t. I, p. 23, edição citada.

⁵² Carta de Marx a Klings em 4 de outubro de 1864, Karl Marx e F. Engels, ob., cit., p. 113.

⁵³ Vladimir I. Lenin: Quem são os amigos do povo e como lutam contra os social democratas. Em Obras Completas, t. 1, p. 154, edição citada.

relacionadas com O Capital se revestem de uma importância relevante, por quanto nelas, tanto Marx como Engels, argumentam os aspectos centrais do método.

Lenin disse, referindo-se a esta correspondência: **"...o ponto onde convergem todas as idéias expressadas e analisadas, (é a) dialética".**⁵⁴ Sobre a valorização de O Capital ninguém mais indicado que o próprio Marx, quando escreve: **"...Com esse trabalho creio fazer algo muito mais importante para a classe trabalhadora que tudo o que poderia fazer pessoalmente em um congresso qualquer (quelconque) ..."**⁵⁵ Devemos apontar que esse "congresso qualquer" não era outro que não o Congresso da Internacional de Genebra, realizado de 3 a 8 de setembro de 1866. Que elementos essencialmente novos contém essa obra que a converte na obra máxima do marxismo e em seu "aríete" mais formidável como jamais foi – no plano teórico – dirigido contra a burguesia? Marx dá resposta a essas interrogações, em diferentes passagens de sua correspondência; vejamos esta, onde são resumidos os três elementos fundamentalmente novos contidos no primeiro tomo, da seguinte maneira:

"1- Que, opondo-me a toda a economia anterior que, para começar o jogo, trata como dados adquiridos os fragmentos particulares da mais valia com suas formas fixas de renda, lucro e interesses, trata em primeiro lugar, da forma geral da mais valia, onde tudo isso se encontra ainda misturado, como em uma solução, por assim dizer.

2- Que há uma coisa muito simples, que tem escapado a todos os economistas sem exceção, e é que se a mercadoria apresenta um caráter duplo de uso e de valor de troca, é indispensável que o trabalho representado nessa mercadoria possua também essa dupla característica; ainda que a análise exclusiva do trabalho sem frase (sans phrase), tal como o encontramos em Smith, Ricardo, etc., tropeça por todas as partes fatalmente com problemas inexplicáveis. Aí está, de pronto, todo o segredo da correspondência crítica.

3- Pela primeira vez é apresentado o salário como uma forma fenomênica irracional de uma relação que essa forma oculta, e o faz sob as duas formas de salário: salário horário e

⁵⁴ Vladimir I. Lenin: "Correspondência de Marx e Engels", na ob. cit., t. 19, p. 548.

⁵⁵ Carta de Marx a Kugelman em 23 de agosto de 1866. Karl Marx e F. Engels, ob. cit., p. 119.

salário por peças. (me tem ajudado para isso o fato de que essas fórmulas se encontram com frequência nas matemáticas superiores."⁵⁶

Em outra carta afluí sobre o tema: *"O melhor que há em meu livro é: 1.- sobre isso repousa toda a inteligência dos feitos (fatos) sublinhados desde o primeiro capítulo, o duplo caráter do trabalho, segundo se expresse em valor de uso ou em valor de troca; 2.- análise da mais valia, independentemente de suas formas particulares: benefício, interesse, renda do solo, etc."*⁵⁷.

Destas linhas se depreende claramente, de uma parte, que o núcleo em torno do qual gira toda a Economia Política em Marx é a caracterização do duplo caráter do trabalho, que a sua vez permite a caracterização da mais valia e de sua fonte, independentemente de suas formas concretas de aparição. Com isso se chega ao método da exploração capitalista. Este resultado é alcançado graças ao método dialético-materialista que tem servido de fio condutor na investigação e tem possibilitado a exposição dos resultados através do processo ascensional do abstrato ao concreto, processo que reproduz através de conceitos o movimento real que, partindo do simples, se remonta à manifestações mais complexas.

Na correspondência se apresentam e solucionam importantes problemas teóricos e alguns deles resumem de modo magistral, aspectos centrais da obra, como os que citaremos a seguir⁵⁸, dedicados ao método de exposição da cota de ganho e o seu encadeamento interno em outras categorias mais abstratas, tais como a mais valia e a cota de mais valia.

Por sua importância e como síntese do terceiro tomo e praticamente de toda a obra, a citaremos por extenso:

⁵⁶ Carta de Engels em 8 de janeiro de 1868. Karl Marx e F. Engels, ob. cit., p. 153.

⁵⁷ Carta de Engels em 24 de agosto de 1867. Karl Marx e F. Engels, ob. cit., p. 137.

⁵⁸ Através desta carta, temos um exemplo concreto da aplicação construtiva e materialista do método dialético. Nestas linhas vemos como as categorias se engendram e encarregam umas das outras em uma contração que reproduz conceitualmente o objeto de estudo desde os escalões inferiores de suas formas de existências mais simples até escalões cada vez mais elevados e complexos em seu desenvolvimento. Assim, de modo conceitual, se reproduz o concreto, deixando com isso esclarecidos, quando se chega ao final do processo de exposição, cada uma das relações internas que brindam a razão de ser, o fundamental do fenômeno; no caso que nos ocupamos, o modo capitalista de produção. Carta a Engels em 30 de abril de 1868. Karl Marx e F. Engels, ob. cit., pp. 163-164.

"Convém, contudo, que conheçamos o método de desenvolvimento da cota de benefício. Por tanto, vou detalhar sua marcha em seus aspectos mais gerais. Como se sabe, no Livro II se expõe o processo de circulação do capital, partindo das premissas assentadas no Livro I. É dizer: as novas determinações de formas, que nascem do processo de circulação, tais como capital fixo e capital circulante, rotação do capital, etc. Finalmente, no Livro I nos limitamos a admitir que, se no processo de valorização, 100 libras se convertem em 110 libras, encontram-se preexistentes no mercado os elementos através dos quais vão se transformar de novo. Mas, examinaremos agora em que condições se encontram, em outras palavras, a imbricação social recíproca dos diferentes capitais, dos elementos de capitais e de rendas (revenue)(pl), uns nos outros.

No Livro III estudaremos depois a transformação da mais valia em suas diferentes formas e em suas componentes distintas, umas das outras.

1- Lucro não é para nós, em primeiro lugar, mais do que outro nome e outra categoria de mais valia. Sob a forma de salário pelo trabalho, o trabalho inteiro aparece como recompensado e pago, contudo, a parte não paga desse trabalho parece não emanar necessariamente do trabalho, senão do capital, e não da parte variável do capital, mas do capital em sua totalidade. Daí, que a mais valia adquire a forma de lucro, sem que exista diferença quantitativa entre uma e outra. Esta não é mais que uma forma fenomênica ilusória daquela."

Nestes parágrafos Marx expõe a fonte oculta do lucro e da transformação -sob o capitalismo- dos gastos do trabalho que aparecem, por obra da competência, como gastos de capital.

No parágrafo seguinte se define a categoria preços de custo e se assinala sua importância para a compreensão do mecanismo capitalista.

"Depois, a parte do capital consumida na produção da mercadoria (o capital adiantado para sua produção, capital constante e capital variável, menos a parte fixa do capital utilizado mas não consumido) aparece agora como preço de custo da mercadoria, posto que, para o capitalista, a parte do valor da mercadoria que lhe custa é o preço de custo da

mercadoria, ainda que pelo contrário o trabalho não pago que está contido na mercadoria não entre, desde seu ponto de vista, a formar parte do preço de custo da mesma mercadoria.

*Mais valia = lucro aparece agora como um excedente de seu preço de venda sobre o seu preço de custo.*⁵⁹

Aqui se chega a uma conclusão importante: o capitalista pode vender por menos do que o valor e, apesar disso, obter lucro. Este resultado é um ponto vital para a compreensão do efeito nivelador que a competência fará sentir sobre o lucro considerado como magnitude relativa, como cota de lucro.

Na continuação se expõe a diferença qualitativa existente entre a cota de mais valia e a cota de lucro. Marx assinala que, no plano teórico, a categoria intermediária entre elas é a cota anual de mais valia, categoria que está influenciada pela velocidade de rotação do capital. A partir dessa análise da cota de lucro, se estabelece a análise dos fatores que influem a sua determinação quantitativa.

Agora Marx expõe, essencialmente de modo magistral o difícil problema da nivelção da cota de lucro:

"II- O que no capítulo I estudamos como movimentos, tanto do capital em um âmbito determinado da produção como do capitalismo social -movimentos mediante os quais se transforma sua composição, etc. - entenderemos agora como diferenças das massas de capital situadas nos distintos ramos da produção.

Temos então a cota de mais valia, ou seja, (id est), supondo-se que o emprego do trabalho seja o mesmo, a produção de valor, e por conseguinte a produção de mais valia e por conseguinte, a cota de benefícios em diferentes ramos de produção são diferentes. Mas, partindo dessas diferentes cotas de lucro, a concorrência estabelece uma cota média ou cota geral de lucro. Esta cota reduzida a sua expressão absoluta, não pode ser outra coisa que a mais valia (anual) produzida pela classe capitalista em relação a soma do capital desembolsado na escala social. Por exemplo: se o capital social = 400 c + 100 v, e a mais

⁵⁹ Karl Marx, F. Engels, ob. cit., p. 164.

valia que produz anualmente = 100 pl da composição do capital social = 80 c + 20 v, e a do produto em (%) = 80 c + 20 v + 20 pl = 20% da cota de lucro. Essa será a cota geral de lucro. O que a concorrência entre as massas de capital investidas nos distintos ramos de produção e de diferente composição tende a realizar é o comunismo capitalista, ou seja, a massa do capital pertencente a cada esfera de produção subtrai uma parte alíquota de mais valia total na proporção em que constitui uma parte do capital social."⁶⁰

Para que se consiga isso, é imprescindível que a realização das mercadorias, ou seja, o preço, ao qual como tendência se vende as mercadorias, seja deslocado de seus valores. Para isso as mercadorias têm que realizar-se por uma magnitude tal que cubra o preço de custo do ramo, mais um lucro proporcional ao capital desembolsado, de acordo com a cota geral de lucro vigente. Ou seja, as mercadorias têm que ser vendidas por uma magnitude igual a $P_c + g$ ⁶¹.

Marx considera: *"Esta nivelção do preço que distribui igualmente a mais valia social entre as massas do capital em proporção a sua magnitude, é o preço de produção das mercadorias, o centro em torno do qual gravita a oscilação dos preços do mercado.*"⁶²

Deste modo se chega a uma das categorias centrais do modo de produção capitalista: o preço de produção. Magnitude em torno da qual vão girar agora os preços correntes no mercado. Em situação de equilíbrio (Oferta = Demanda), as mercadorias se vendem no capitalismo pelo preço da produção e não pelo seu valor. A coincidência quantitativa entre uma e outra categoria se dará somente no caso particular em que a composição orgânica do capital (C/V) nos ramos de produção que produzem uma mercadoria hipotética, coincidam com a composição orgânica existente na escala de toda a sociedade. Nos outros casos, o preço de produção será maior que o valor naqueles ramos onde (C/V) seja maior que a média social, e fica abaixo do valor nos casos em que a composição do ramo seja menor do que a vigente a nível social.

Do que foi exposto concluímos que a somatória dos valores criados é igual a somatória dos preços de produção na escala da sociedade. Portanto, continuam vigorando as leis básicas sobre o

⁶⁰ Ibidem, p. 166.

⁶¹ Onde $g = \text{cota de lucro (g')} \times \text{capital desembolsado (C + V)}$.

⁶² Karl Marx e F. Engels, ob. cit., p. 167.

valor e a mais valia enunciadas anteriormente. Com isso se supera a contradição aparentemente insuperável entre a teoria - valor trabalho e a constatação prática de que as mercadorias se vendem por um preço que reconheça uma participação alíquota nos ganhos criados, atendendo o critério do capital desembolsado. Com estas descobertas se supera de modo definitivo a todos os economistas anteriores, incluindo Ricardo, que havia se debatido por toda sua vida, em torno desse tema, sem conseguir resolvê-lo.

Na seqüência, Marx expõe, baseado no crescimento relativo do equipamento técnico, apresentado como aumento da composição orgânica do capital, o terceiro grande passo no desenvolvimento: a tendência da cota geral de lucro.

"III. Tendência de baixar a cota de lucro ao curso do progresso da sociedade. Isto se depreende do que está exposto no Livro I sobre a mudança na composição do capital em função do desenvolvimento da produtividade social.

*'Esse é um dos maiores triunfos sobre a 'ponte dos asnos' (pons asini) -(mata-burros) em toda a economia até nossos dias.'*⁶³

Na passagem do abstrato para o concreto, se introduz agora um novo plano ao considerar o capital comercial, já que até aqui só foi considerado o capital produtivo e se tem suposto que os trabalhos da circulação são realizados por eles mesmos.

IV. Até agora temos considerado somente o capital produtivo. Agora introduzimos uma variação através do capital comercial. Conforme as hipóteses anteriores, o capital produtivo da sociedade = (milhões ou bilhões, é indiferente (n'importe), a saber: $400c + 100v // + 100pl = g'$, a cota geral de ganho = 20%. Suponhamos agora que o capital comercial seja = 100.

Por conseguinte, as 100 pl serão calculadas sobre 600, não sobre 500. A cota geral de lucro será então reduzida de 20% para $16 \frac{2}{3} \%$. O preço de produção (para simplificar as coisas, admitimos aqui que os 400 c inteiros, ou seja, todo o capital fixo, compõe o preço de custo da massa das mercadorias produzidas anualmente) = agora $583 \frac{1}{3}$. O

⁶³ Ibidem.

*comerciante vende a 600, e se fazemos a retirada da parte fixa do capital, realiza assim, 16 2/3 sobre os 100, o mesmo que os capitalistas produtivos, ou, em outros termos se adjudica 1/6 da mais valia social. As mercadorias são vendidas - em massa (en masse) e na escala social - por seu valor. Suas 100 libras esterlinas (abstração feita do componente fixo) não lhe servem de outra coisa que não de capital - dinheiro circulante. O que o comerciante leva a mais, é com uma simples 'estafa' ou uma especulação sobre as oscilações dos preços das mercadorias, ou, no caso de um detalhista propriamente dito, é na forma de lucro, a remuneração de um trabalho, por miserável e improdutivo que seja. V. Já temos aqui o lucro reduzido à forma que se apresenta na prática, ou seja, conforme o que supomos, em cerca de 16 2/3%. Vem depois a divisão desse lucro em ganho da empresa e os interesses. O capital portador de interesses. O crédito."*⁶⁴.

Através deste desenvolvimento se chegou ao concreto, mas se trata do concreto pensado, uma vez que as interrelações mais profundas se conectam com as determinações mais superficiais e concretas. Estas últimas têm agora sua determinação a partir das relações mais íntimas existentes na esfera da produção. Se explica e se descobre com isso a racionalidade do movimento aparente.

O próximo grande núcleo lógico de exposição assinalado por Marx é:

VI. A transformação do lucro extraem renda do solo."⁶⁵

E por último conclui:

"VII. Chegamos finalmente as formas fenomênicas que servem de ponto de partida ao economista vulgar: renda derivada da terra, lucro (interesses) derivado do capital, salário derivado do trabalho."⁶⁶

Nestas linhas aparece de modo implícito o paralelo entre o modo de procedimento em Marx e da economia vulgar. Ali, a exposição da essência até a superfície. Como vimos, as determinações superficiais, só podem ser conclusivas. Aqui, estas determinações superficiais são precisamente o

⁶⁴ *Ibidem*, pp. 167 - 168.

⁶⁵ *Ibidem*, p. 168.

⁶⁶ *Ibidem*.

ponto de partida: não existe o intento de penetrar na trama interna dos fenômenos; por isso é impossível reembarcar as proposições puramente apologéticas da questão.

Com esta abordagem exposta, através dos seis (6) aspectos: "**Ademais, se destrói o absurdo de Adam Smith,⁶⁷ convertido na chave mestra de toda a economia até nossos dias, a saber: que o preço das mercadorias se compõe destas três famosas rendas, ou seja, tão só o capital variável, salário do trabalho e de mais valia (renda do solo, lucro, interesses). O conjunto de movimentos deve ser visto atrás dessa forma aparente. Finalmente, supondo-se que esses três elementos (salário do trabalho, renda do solo, lucro (interesse) são as três fontes de rendas das três classes, a saber a dos proprietários territoriais, a dos capitalistas e a dos trabalhadores (obrigados) assalariados, chegamos a conclusão da luta de classes, na qual se decompõe o movimento e que é o desmascaramento de toda essa porcaria.**"⁶⁸

Para Marx, a luta de classes é o motor que move a sociedade – em toda sociedade dividida em classes –, já que ela é a expressão histórica da contradição existente entre o desenvolvimento das forças produtivas e as relações de produção. Esta noção, parte essencial da concepção materialista da história, da maneira como nos põe claramente esta carta, alcança com a elaboração de O Capital sua comprovação científica e rigorosa, e deixa de ser uma hipótese genial para se converter em uma realidade comprovada e inobjetable.

AS RELAÇÕES ENTRE A BASE ECONÔMICA E A SUPERESTRUTURA

Para terminar estas notas gostaríamos de nos deter nas importantes considerações sobre os fatores superestruturais em suas relações com a base econômica que nos foram legadas pelos clássicos, e em especial Engels, em sua correspondência.

Essas considerações são importantes pois nos ajudam a compreender e a combater os desvios do marxismo: o dogmatismo e o revisionismo, que não são mais do que formas de surgimento do oportunismo.

⁶⁷ O dogma de Smith.

⁶⁸ Karl Marx e F. Engels, ob. cit., p. 168.

O oportunismo não pode ser considerado como um fenômeno isolado, mas como um resultado histórico das condições contemporâneas. Lenin o aponta agudamente da seguinte maneira: **"A dialética da história faz que o triunfo teórico do marxismo obrigue seus inimigos a disfarçar-se de marxistas."** ⁶⁹

O oportunismo, qualquer que seja suas vertentes, está vinculado a incompreensão ou a tergiversação do método marxista. Isto se põe explicitamente de manifesto nas cartas que exporemos a seguir.

Na década de 1880 apareceu um livro do sociólogo burguês Paul Barth sob o título explosivo de *A Filosofia da História de Hegel e dos Hegelianos até Marx e Hartmann Inclusive*. Nele se afirmava que o marxismo não admitia a influência da superestrutura sobre a base econômica. Conrad Schmidt, social democrata alemão, neokantiano e revisionista, chama a atenção de Engels sobre o livro e este lhe responde da seguinte maneira: **"... Se Barth cré que negamos todas e cada uma das repercussões dos reflexos políticos, etc., do movimento econômico sobre este mesmo movimento econômico, luta contra moinhos de ventos. Lhe bastará ler O 18 Brumário de Marx, obra que trata quase exclusivamente do papel especial que desempenham as lutas e os acontecimentos políticos, claro está que dentro de sua subordinação geral as condições econômicas. Em O Capital, por exemplo, o capítulo que trata da jornada de trabalho, onde a legislação, que é, desde logo, um ato político, exerce uma influência muito marcante. Esse capítulo é dedicado a história da burguesia (capítulo 24). Se o poder político é economicamente impotente, por que então lutamos pela ditadura política do proletariado? A violência (como se diz, o poder do Estado) é também uma potência econômica!**

Mas, agora não disponho de tempo para criticar o livro de Barth. Há que se esperar o aparecimento do terceiro tomo⁷⁰, além do mais, creio que também Bernstein⁷¹, por

⁶⁹ Vladimir I. Lenin: "Vicissitudes Históricas da Doutrina de Karl Marx", em Obras Completas, t. 18, p. 574, edição citada.

⁷⁰ De O Capital

exemplo, poderá fazer críticas de forma bastante extensa. Do que adoecem todos estes senhores é da FALTA DE DIALÉTICA⁷². Não vêm mais do que causas aqui e efeitos ali. Que isto é uma abstração, que no mundo real estas antíteses polares metafísicas só se dão nos momentos de crises e que a grande trajetória das coisas acontece toda ela, sob forma de ações e reações -ainda que de forças muito desiguais, a mais forte, mais primária e decisiva de todas é o movimento econômico- que aqui não há nada absoluto e que tudo é relativo, são coisas que eles não vêm; para eles Hegel não existiu...⁷³

A ausência da dialética é o denominador comum de todos os desvios e tergiversações de que é e tem sido objeto o marxismo.

Um exemplo a mais dessa ausência de dialética, dessa tergiversação do método, encontramos nas perguntas que o socialdemocrata alemão Joseph Bloch que se tornaria mais tarde um revisionista, formulou à Engels. Nelas indagava sobre o que Marx e ele entendiam por materialismo histórico, e se a produção e a reprodução da vida real constituíam para eles no único fator determinante. Vejamos a resposta de Engels: *"Segundo a concepção materialista da história, o fato que em última instância determina a história é a produção e a reprodução da vida real. Nem Marx nem eu temos afirmado mais do que isso. Se alguém o tergiversa dizendo que o fator econômico é o único determinante, converterá aquela tese em uma frase vazia, abstrata, absurda. A situação econômica é a base, mas os diversos fatores da superestrutura que sobre ela se levantam -as formas políticas da luta de classes e seus resultados, as constituições que, depois de vencida uma batalha, redigem as classes triunfantes, etc., as formas jurídicas, e inclusive os reflexos de todas essas lutas reais no cérebro dos participantes, as teorias políticas, jurídicas, religiosas e o desenvolvimento ulterior desta até convertê-las em um sistema de dogmas – exercem também sua*

⁷¹ Depois da morte de Engels, Bernstein se converteu no primeiro revisionista do marxismo, renegando abertamente da doutrina de Marx.

⁷² Destaque feito pelo autor.

⁷³ Carta de Engels a Conrad Sshmith em 27 de outubro de 1890. Karl Marx e F. Engels. Sobre a Literatura e a Arte, pp. 181-182, edição citada.

*influência sobre o curso das lutas históricas e determinam, predominantemente em muitos casos, sua forma. É um jogo mútuo de ações e reações entre todos esses fatores, no qual, através de todas as quantidades infinitas de causalidades (é dizer, de coisas e acontecimentos cujo traçado interno intrincado é tão remoto e difícil de provar, que podemos considera-la como inexistente, não fazer caso dela), acaba sempre impondo-se como necessidade ao movimento histórico: de outro modo, aplicar a teoria a uma época histórica qualquer, seria mais fácil que resolver uma simples equação de primeiro grau."*⁷⁴

Neste parágrafo Engels adverte explícita e cruamente contra a interpretação metafísica do marxismo, tergiversação que abre o caminho que conduz ao oportunismo.

Nas passagens que seguem Engels se detém na explicação dos fundamentos da concepção materialista da história, e faz ênfases à interrelação dialética existente entre eles: este fator não pode ser esquecido, sob pena de adulterar-se o método, de anular o guia. Por último, faz um chamado sobre a necessidade de estudar o método nas obras originais. *"Somos nós mesmos que fazemos nossa história, mas a fazemos, em primeiro lugar, com ajuste à premissas e condições muito concretas. Entre elas são as econômicas as que decidem em última instância. Mas também desempenham seu papel, ainda que não decisivo, as condições políticas e até a tradição, que nos envolve como um duende nas cabeças dos homens. (...)*

Em segundo lugar, a história se faz de tal modo, que o resultado final sempre deriva dos conflitos entre muitas vontades individuais, cada uma delas, a sua vez, é o que é, por efeito de uma multiplicação de condições especiais da vida; são, pois, inúmeras forças que se entrecruzam umas com as outras, um grupo infinito de paralelogramas de forças, das quais surge uma resultante – o acontecimento histórico – que, à sua vez, pode considerar-se produto de uma potência única, que, como em tudo, atua sem consciência e sem vontade. Pois o que alguém quer, tropeça na resistência que outro opõe, e o que resulta de tudo isso é algo que ninguém pretendia. Deste modo, até aqui toda a história tem sido discorrida como um processo natural e submetida também, substancialmente, as

⁷⁴ Karl Marx e F. Engels, ob. cit., pp 183-184.

*mesmas leis dinâmicas. Mas o fato de que as distintas vontades individuais - cada uma das quais apetece aquele que lhe impulsiona sua constituição física e uma série de circunstâncias externas, que são, em última instância, circunstâncias econômicas (ou as suas próprias pessoais ou as gerais da sociedade) não cheguem ao que desejam, mas que se fundem todas em uma média total, em uma resultante comum, que não deve inferir-se que tais vontades são iguais a zero. Pelo contrário, todas contribuíram para a resultante e se acham, portanto, incluídas nela. Além do mais, me permito rogar-lhe que estude esta teoria em suas fontes originais e não em obras de segunda mão; é, verdadeiramente, muito mais fácil. Marx não escreveu nada em que essa teoria não desempenhe seu papel. Especialmente, O 18 Brumário de Luis Bonaparte é um magnífico exemplo de sua aplicação. Também em O Capital se encontram muitas referências. Em segundo lugar, me permito remeter-lhe também minhas obras A Subversão da Ciência pelo Senhor E. Dühring e Ludwig Feuerbach e o Fim da Filosofia Clássica Alemã, as quais se constituem, no meu modo de ver, a exposição mais detalhada que existe do materialismo histórico."*⁷⁵

A carta termina de um modo que dispensa comentários:

*"Infelizmente, ocorre com muita freqüência que se creia haver entendido totalmente e que se pode manejar, sem mais, uma teoria pelo simples fato de a haver assimilado, e nem sempre exatamente em suas teses fundamentais. Desta maneira não estão isentos muitos dos novos 'marxistas' e assim se explicam muitas das coisas peregrinas que têm aportado."*⁷⁶

Para concluir, queremos assinalar que o marxismo não considera de modo isolado e absoluto as relações entre a base e a superestrutura; pelo contrário, leva em conta sua complexa interrelação, onde a primazia corresponde a base de um modo não mecânico, mas dialético.

A incompreensão ou a tergiversação do método dialético encontram vínculo, de modo especial, nos oportunistas - sobretudo nos concernentes a interpretação base-superestrutura-, em

⁷⁵ *Ibidem*, p. 185.

⁷⁶ *Ibidem*, p. 186.

suas duas vertentes, desde o dogmatismo determinista até o idealismo. Sobre o modo de conceber dos oportunistas Engels já havia assinalado com toda nitidez que ***"...Este modo de ver se baseia em uma representação vulgar antialética da causa e do efeito como dois pólos fixamente opostos, com esquecimento absoluto dos jogos de ações e reações. Que um fator histórico, uma vez iluminado por outros feitos, que são em última instância feitos econômicos, repercute a sua vez sobre o que os rodeia, e inclusive sobre suas próprias causas, são coisas que esquecem, as vezes muito intencionalmente, esses cavalheiros."***⁷⁷

Sobre esse mesmo tema – e com um vigor extraordinário nestes momentos quando os inimigos se disfarçam de marxistas em sua gestão diversionista (de diversão) – Engels faz a seguinte abordagem com a qual encerramos estas notas: ***"Estes senhores praticam todos o marxismo, mas da maneira como se conhece na França há 10 anos, e da qual Marx dizia: 'Tudo o que eu sei é que eu não sou marxista e provavelmente diria destes senhores o que Heine dizia de seus imitadores: Semblante de dragões colhendo pulgas'."***⁷⁸

Referências bibliográficas

Texto Recolhido da Revista ECONOMIA E DESENVOLVIMENTO n° 24, Publicação Bimestral do Instituto de Economia da Universidade de Havana - Julho-agosto de 1974. Publicado pela Editora CIENCIAS SOCIALES, 1983. Miramar, Marianao 13, La Habana.

Impresso em Cuba.

⁷⁷ Carta de Engels a Mehring em 14 de julho de 1893. Karl Marx e F. Engels, ob. cit., p. 193.

⁷⁸ Carta de Engels a Paul Lafargue em 27 de outubro de 1890. Karl Marx e F. Engels, ob. cit., p. 240.